Revista Panorâmica On-Line. Barra do Garças – MT, vol. 20, p. 187 - 206, jan./jul. 2016. ISSN - 2238-921-0

POR UMA PEDAGOGIA CRÍTICA: A CONTRIBUIÇÃO DA DIDÁTICA RADICAL

Vanessa Campos de Lara Jakimiu[1]

Resumo:
O presente estudo, fundamentado no ideário teórico desenvolvido por Giroux traz em seu conteúdo uma análise acerca da consolidação de uma Pedagogia Crítica constituída à luz de uma didática radical a qual tem como eixo fundante a resistência e o comportamento de oposição por meio de uma política cultural. Neste sentido o estudo em questão tem como objetivo desenvolver um quadro teórico que desvele a contribuição de uma Didática Radical para desenvolver uma Pedagogia Crítica. Quanto ao delineamento metodológico, o presente estudo adota os moldes da pesquisa teórico bibliográfico de cunho qualitativo, sendo a área de abrangência para averiguação dos pressupostos, o âmbito da Educação, mais especificamente, o eixo temático da Pedagogia Crítica. Inicialmente, o presente estudo apresenta um breve panorama da Educação formal no Brasil sistematizado por Libâneo e Saviani, no sentido de revelar os diferentes projetos de formação humana a partir de seus pressupostos teóricos analíticos. Em seguida, apresenta-se a teoria da resistência de Giroux, apontando elementos conceituais fundamentais para o entendimento do termo, bem como, indicativos para sua assertiva apropriação por parte dos educadores radicais. Por fim, a partir das teorizações desenvolvidas por Giroux, apresenta-se a Didática Radical tendo a política cultural como elemento chave da prática pedagógica. Do estudo empreendido é possível perceber que uma Didática Radical só poderá tornar-se potente se os educadores assumirem o seu papel de intelectuais públicos e tiveram consciência do lugar que ocupam, do papel que exercem e do tipo de Educação que ofertam aos seus estudantes.

Palavras-chave:
Didática Radical. Resistência. Política Cultural.

FOR A CRITICAL PEDAGOGY: THE CONTRIBUTION OF RADICAL DIDACTICS

Abstract:
The present study, based on the theoretical ideas developed by Giroux, brings in its content an analysis about the consolidation of a Critical Pedagogy constituted in the light of a radical didactics whose main axis is resistance and opposition behavior through a cultural policy . In this sense the study in question, aims to develop a theoretical framework that exposes the contribution of a Radical Didactics to develop a Critical Pedagogy. As for the methodological design, the present study adopts the theoretical qualitative bibliographic research models, being the area of comprehension to ascertain the presuppositions, the scope of Education, more specifically, the thematic axis of Critical Pedagogy. Initially, the present study presents

[1] Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná-UFPR, na linha de Políticas Educacionais. Professora no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, Campus União da Vitória. E-mail: vanessajakimiu@yahoo.com.br

a brief overview of formal education in Brazil systematized by Libaneo and Saviani, in the sense of revealing the different projects of human formation from their theoretical analytical assumptions. Then, Giroux's theory of resistance is presented, pointing out conceptual elements fundamental to the understanding of the term, as well as indicative for its assertive appropriation by radical educators. Finally, from the theories developed by Giroux, the Radical Didactics is presented, with cultural politics as a key element of pedagogical practice. From the study undertaken it is possible to perceive that a Radical Didactics can only become potent if educators assume their role as public intellectuals and were aware of their place, the role they play and the type of education they offer their students.

Keywords:
Radical Didactics. Resistance. Cultural Policy.

Introdução

O presente estudo, fundamentado no ideário teórico desenvolvido por Giroux traz em seu conteúdo uma análise acerca da consolidação de uma Pedagogia Crítica constituída à luz de uma didática radical a qual tem como eixo fundante a resistência e o comportamento de oposição por meio de uma política cultural.

Muitos teóricos da bibliografia especializada, especialmente da teoria crítica, já se debruçaram acerca do papel produtor e reprodutor de desigualdades da escola. Diferentemente das conclusões mais pessimistas das teorias da reprodução, Giroux propõe uma alternativa para a transformação radical.

Neste sentido o estudo em questão tem como objetivo desenvolver um quadro teórico que desvele a contribuição de uma Didática Radical para desenvolver uma Pedagogia Crítica.

Quanto ao delineamento metodológico, o presente estudo adota os moldes da pesquisa teórico bibliográfico de cunho qualitativo, sendo a área de abrangência para averiguação dos pressupostos, o âmbito da Educação, mais especificamente, o eixo temático da Pedagogia Crítica.

Inicialmente, o presente estudo apresenta um breve panorama da Educação formal no Brasil sistematizados por Libâneo e Saviani, no sentido de revelar os diferentes projetos de formação humana a partir de seus pressupostos teórico-analíticos.

Em seguida, apresenta-se a teoria da resistência de Giroux, apontando elementos conceituais fundamentais para o entendimento do termo, bem como, indicativos para sua adequada apropriação por parte dos educadores radicais.

Por fim, a partir das teorizações desenvolvidas por Giroux, a Didática Radical tendo a política cultural como elemento chave da prática pedagógica é apresentada. Elementos

fundamentais para o desenvolvimento de uma educação emancipadora são discutidos neste momento.

Do estudo empreendido é possível perceber que uma Didática Radical só poderá tornar-se potente se os educadores assumirem o seu papel de intelectuais públicos e tiveram consciência do lugar que ocupam, do papel que exercem e do tipo de Educação que possibilitam aos seus estudantes.

1 A educação formal e os diferentes projetos de formação humana

Historicamente, a Educação esteve em disputa por diferentes perspectivas de formação humana e projetos societários. Tais perspectivas foram sistematizadas por diferentes autores da bibliografia especializada.

Libâneo (2011) em suas teorizações organiza as tendências pedagógicas em tendências Liberais e tendências Progressistas:

Quadro 1: Tendências Pedagógicas de acordo com Libâneo

Tendências Liberais	Tendências Progressistas
✓ Tendência Liberal Tradicional ✓ Tendência Liberal Renovada Progressivista ✓ Tendência Liberal Renovada Não-Diretiva ✓ Tendência Liberal Tecnicista	✓ Tendência Progressista Libertadora ✓ Tendência Progressista Libertária ✓ Tendência Progressista Crítico-Social dos Conteúdos

Fonte: LIBÂNEO (2011).

A doutrina liberal que fundamenta as tendências liberais não tem relação com uma perspectiva teórica "avançada, democrática ou aberta", pelo contrário:

> A doutrina liberal apareceu como justificativa do sistema capitalista que, ao defender a predominância da liberdade e dos interesses individuais na sociedade, estabeleceu uma forma de organização social baseada na propriedade privada dos meios de produção, também denominada saciedade de classes. A pedagogia liberal, portanto, é uma manifestação própria desse tipo de sociedade. (LIBÂNEO, 2011, p. 22).

Em contrapartida, as tendências progressistas buscam desenvolver uma análise crítica das realidades sociais. "Evidentemente a pedagogia progressista, não tem como institucionalizar-se numa sociedade capitalista; daí ser ela um instrumento de luta dos professores ao lado de outras práticas sociais." (LIBÂNEO, 2011, p. 33).

Revista Panorâmica On-Line. Barra do Garças – MT, vol. 20, p. 187 - 206, jan./jul. 2016. ISSN - 2238-921-0

De acordo com Libâneo (2011, p. 25), a tendência liberal tradicional tem como fundamento teórico o ensino humanístico de cultura geral. A centralidade está no professor "que transmite o conteúdo na forma de verdade a ser absorvida; em consequência a disciplina imposta é o meio mais eficaz para assegurar a atenção e silêncio".

> A aprendizagem, assim, é receptiva e mecânica, para o que se recorre frequentemente à coação. A retenção do material ensinado é garantida pela repetição de exercícios sistemáticos e recapitulação da matéria. A transferência da aprendizagem depende do treino; é indispensável a retenção, a fim de que o aluno possa responder às situações novas de forma semelhante às respostas dadas em situações anteriores. (LIBÂNEO, 2011, p. 25).

Sob a perspectiva da tendência liberal Renovada Progressivista, a escola (ativa ou nova) busca "adequar as necessidades individuais ao meio social e, para isso, ela deve se organizar de forma a retratar, o quanto possível, a vida." Enfatiza o aprender fazendo e o trabalho em grupo. Toda atividade pedagógica deve ser "adequada à natureza do aluno e às etapas do seu desenvolvimento" (LIBÂNEO, 2011, p. 26).

Na tendência Liberal Renovada não-diretiva, a escola focaliza as questões psicológicas em detrimento das pedagógicas. "A ênfase que esta tendência põe nos processos de desenvolvimento das relações e da comunicação torna secundária a transmissão de conteúdos." A pedagogia não-diretiva é centrada no aluno e função do professor "restringe-se a ajudar o aluno a se organizar, utilizando técnicas de sensibilização em que os sentimentos de cada um possam ser expostos sem ameaças" (LIBÂNEO, 2011, p. 28).

Libâneo (2011, p. 29), explica que na tendência Liberal Tecnicista a escola tem como finalidade desenvolver "o processo de aquisição de habilidades, atitudes e conhecimentos específicos, úteis e necessários para o que os indivíduos se integrem na máquina do sistema social global." Nesta perspectiva formativa a ênfase está no ensino/aprendizagem de métodos e técnicas e a tarefa do professor é "modelar respostas apropriadas aos objetivos instrucionais".

> A escola, atua, assim, no aperfeiçoamento da ordem social vigente (o sistema capitalista), articulando-se diretamente com o sistema produtivo; [...] Seu interesse imediato é o de produzir indivíduos "competentes" para o mercado de trabalho, transmitindo eficientemente, informações precisas, objetivas e rápidas. (LIBÂNEO, 2011, p. 30).

A tendência progressista libertadora, criada por Paulo Freire, evidencia a perspectiva política da pedagogia e "[...] questiona concretamente a realidade das relações do homem com a natureza e com os outros homens visando uma transformação." (LIBÂNEO, 2011, p. 34). Por considerar os conteúdos tradicionais esvaziados de sentido para os educandos, aponta para a adoção de temas geradores como fundamento teórico para desenvolver uma educação problematizadora.

A tendência Progressista libertária considera "o indivíduo como produto do social" e que, portanto, se constitui no coletivo. A tendência progressista libertária destaca-se por seu caráter libertário e autogestionário. "A autogestão é, assim, o conteúdo e o método; resume tanto o objetivo pedagógico quanto o político." (LIBÂNEO, 2011, p. 37).

A tendência progressista crítico social dos conteúdos ou histórico crítica, parte do pressuposto de que a escola em si só já se configura como um mecanismo de apropriação do conhecimento e, portanto de transformação da sociedade. "Se o que define uma pedagogia crítica é a consciência de seus condicionantes histórico-sociais, a função da pedagogia "dos conteúdos" é dar um passo a frente no papel transformador da escola, mas a partir das condições existentes." (LIBÂNEO, 2011, p. 40). Conforme é possível depreender do quadro que segue:

Quadro 2 – Tendências Pedagógicas

Revista Panorâmica On-Line. Barra do Garças – MT, vol. 20, p. 187 - 206, jan./jul. 2016. ISSN - 2238-921-0

QUADRO SÍNTESE DAS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS						
Tendência pedagógica	**Função da escola**	**Currículo**	**Prática Pedagógica**	**Relação professor - aluno**	**Ensino e aprendizagem**	**Manifestações**
Tendência Liberal Tradicional	Visa a preparação intelectual e moral para assumir sua posição na sociedade	Conhecimentos e valores acumulados pelas gerações adultas	Exposição verbal da matéria e/ou demonstração	Predomina a autoridade do Professor	Receptiva e mecânica	Orientação clássico-humanista/humano-científica
Tendência Liberal Renovada Progressivista	Busca a adequação das necessidades individuais ao meio social	São estabelecidos em função de experiências que o sujeito vivencia	Aprender fazendo por meio de trabalhos em grupo	Professor auxilia o desenvolvimento livre e espontâneo do aluno	Considera que aprender é uma atividade de descoberta	Dewey Montessoi Decroly Cousinet
Tendência Liberal Renovada Não-Diretiva (Escola Nova)	Visa a formação de atitudes	Privilegia o viés psicológico em detrimento do pedagógico	Os métodos usuais são dispensados	A educação é centrada no aluno e o Professor é o facilitador	Considera que aprender é modificar as percepções	Carl Rogers Escola Summerhil
Tendência Liberal Tecnicista	Modela o comportamento humano	Os conteúdos decorrem da ciência objetiva	Técnicas para recepção e transmissão de informações	Papéis bem definidos: Professor transmite e o aluno responde	Considera que aprender é um processo de condicionamento	Skinner, Gagné, Bloom, Mager Leis 5.540/68 e 5.692/71
Tendência Progressista Libertadora	Questiona a realidade visando uma transformação	Temas geradores	Situações problematizadoras e Contextualizadas	Relação horizontal: ambos se posicionam como sujeitos do ato de conhecimento	Acontece por meio de atividades e estudos nos grupos de discussão	Paulo Freire
Tendência Progressista Libertária	Busca desenvolver a libertação e a autogestão	As matérias são colocadas a disposição, mas não são exigidas	Vivências grupais	Professor é um orientador e catalisador, se misturando no grupo	Focaliza situações experimentadas na vivência grupal	Lobrot Vasquez e Oury Ferrer y Guardia Celestin Freinet Maurício Tragtemberg Miguel Arroyo
Tendência Progressista "Crítico-social dos conteúdos" (Histórico-crítica)	Busca preparar o aluno para a participação ativa e organizada e ativa na democratização da sociedade	São conteúdos culturais, universais das realidades sociais	Resulta de trocas que se estabelecem na interação entre o meio e o sujeito	O Professor é o orientador, o aluno participa na busca da verdade	Parte daquilo que o aluno já sabe e busca articular o político ao pedagógico	Makarenko B. Charlot Suchodolski Manacorda G. Snyders Dermeval Saviani

Fonte: LIBÂNEO (2011).

Já Saviani (1997) em suas teorizações, classifica as tendências pedagógicas em dois grupos. No primeiro estariam as teorias não críticas: Pedagogia tradicional, Pedagogia Nova (Escola Nova) e Pedagogia Tecnicista. No segundo, estariam as teorias críticas da Educação ou crítico reprodutivistas: a) Teoria do sistema de ensino enquanto violência simbólica (Bordieu e Passeron), b) Teoria da escola enquanto Aparelho Ideológico do Estado (Althusser) e c) Teoria da escola Dualista (Baudelot e Establet). Cada uma destas tendências fundamenta-se em perspectivas formativas diferentes, conforme é possível observar no quadro a seguir:

Quadro 3 – Tendências Pedagógicas

Revista Panorâmica On-Line. Barra do Garças – MT, vol. 20, p. 187 - 206, jan./jul. 2016. ISSN - 2238-921-0

1º Grupo: Teorias não críticas		
Pedagogia Tradicional	**Pedagogia Nova (escola nova)**	**Pedagogia tecnicista**
Cria os sistemas nacionais de ensino. A causa da marginalidade é a ignorância. A escola se organiza centrada no professor. Nem todos se ajustaram ao tipo de sociedade que se queria consolidar. Ênfase: Aprender	A marginalidade é a rejeição. Advoga a ênfase nas diferenças individuais. A escola deveria agrupar os alunos segundo áreas de interesses. O professor atuaria como estimulador e orientador. Não logrou êxito já que implicava custos bem mais elevados do que a escola tradicional. Ênfase: Aprender a aprender	Inspirada nos princípios da racionalidade, da eficiência e produtividade com ênfase nos objetivos. A marginalidade é o incompetente (ineficiente e improdutivo). Treinamentos de atividades e exercícios. O problema da marginalidade só tendeu a agravar e a relativa ampliação das vagas tornou-se irrelevante diante dos altos índices de reprovação e evasão Ênfase: Aprender a fazer
2ª Grupo: Teorias críticas da Educação ou crítico-reprodutivistas		
Teoria do sistema de ensino enquanto violência simbólica Bordieu e Passeron	**Teoria da escola enquanto Aparelho Ideológico do Estado Althusser**	**Teoria da escola Dualista Baudelot e Establet**
A violência simbólica seria a dominação cultural que se manifesta de maneiras múltiplas: televisão, igreja, educação familiar etc. De acordo com esta teoria, marginalizados são os grupos ou classes dominados.	Distingue os Aparelhos Repressivos do Estado (o governo, a administração pública, o exército, a polícia etc) dos aparelhos ideológicos de Estado que são: o religioso, o escolar, o familiar, o jurídico, o político, o sindical, o da informação e o cultural. Os primeiros funcionam pela violência e secundariamente pela ideologia, enquanto os segundos funcionam pela ideologia e secundariamente pela repressão. Diferentemente de Bordieu e Passeron, Althusser não nega a luta de classes. De acordo com esta teoria, marginalizados são os pertencentes à classe trabalhadora.	Os autores se empenham em mostrar em que pese a aparência unitária, a escola é dividida em duas: uma para a burguesia e outra para o proletariado. Nesta teoria é retomado o conceito de AIE de Althusser definindo-se o aparelho escolar como "unidade contraditória de duas redes de escolarização" A especificidade desta teoria é que ela admite a existência da ideologia do proletariado, considera, porém, que tal ideologia tem sua origem e existência fora da escola, isto é, nas massas operárias e em suas organizações. Nesta teoria os marginalizados também são os trabalhadores que com sua dualidade qualifica o trabalho intelectual e desqualifica o trabalho manual.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das teorizações desenvolvidas em: Saviani (1997).

Revista Panorâmica On-Line. Barra do Garças – MT, vol. 20, p. 187 - 206, jan./jul. 2016. ISSN - 2238-921-0

De acordo com Saviani, as teorias não críticas entendem a educação como um instrumento de transformação, já as teorias críticas entendem que a educação é um instrumento de reprodução das desigualdades sociais.

É importante mencionar que diferente das teorias não críticas, as teorias crítico-reprodutivistas não contém uma proposta pedagógica "elas se empenham em explicar o mecanismo de funcionamento da escola tal como está constituída." (SAVIANI, 1997, p.32).

As tendências pedagógicas, segundo Libâneo "se manifestam, concretamente, nas práticas escolares e no ideário pedagógico de muitos professores, ainda que estes não se deem conta dessa influência". (LIBÂNEO, 2011, p. 21).

> A prática escolar assim, tem atrás de si condicionantes sociopolíticos que configuram diferentes concepções de homem e de sociedade e, consequentemente, diferentes pressupostos sobre o papel da escola, aprendizagem, relações professor-aluno, técnicas pedagógicas etc. Fica claro que o modo como os professores realizam sou trabalho, selecionam e organizam o conteúdo das matérias, ou escolhem técnicas de ensino e avaliação tem a ver com pressupostos teórico-metodológicos, explícita ou implicitamente. (LIBÂNEO, 2011, p. 19-20).

É importante observar, portanto, que a Pedagogia adotada pelo professor, reflete as suas visões de mundo, suas concepções de educação, de formação humana, enfim, a postura do educador frente à realidade, sua prática pedagógica demanda uma intencionalidade e uma metodologia de trabalho em uma perspectiva transformadora que pressupõe clareza epistemológica sobre o seu papel enquanto educador.

2 Teoria crítica e a pedagogia da resistência

> "Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história." (FREIRE).

As teorias críticas contribuíram no sentido de analisar a realidade e possibilitar o desvelamento de mecanismos de dominação, poder, identidade etc. No entanto, alguns autores advogam que é necessário ir para além da crítica. Giroux (1986), por exemplo, em sua análise, busca transcender esta perspectiva e propõe uma teoria da resistência.

Revista Panorâmica On-Line. Barra do Garças – MT, vol. 20, p. 187 - 206, jan./jul. 2016. ISSN - 2238-921-0

Conforme Quadro 1, é possível constatar que a partir de um sentido estrito, o conceito de resistência está relacionado à ideia de suportar, de contrariar uma força, se opor, reagir, recusar.

Quadro 4 – Levantamento conceitual do termo resistência

1 Ação ou efeito de resistir **2** Causa que contraria a ação de uma força. **3** Qualidade de resistente. **4** Ânimo com que se suporta fadiga, fome etc. **5** Causa que se opõe ao movimento de um corpo. **6** Obstáculo que uma coisa opõe a outra que atua sobre ela. **7 Dir** Oposição violenta de alguém a ação da autoridade no exercício de suas funções. **8 Dir** Reação em própria defesa ou de outrem, a constrangimento ou ordem ilegal. **9** Recusa aos desígnios e vontades de outrem; dificuldade, embaraço, oposição. **10** Defesa dos homens ou dos animais contra quem os ataca. **11 Bot** [...] **12 Eletr** Propriedade dos condutores elétricos em se opor à passagem da corrente elétrica, consumindo parte de sua força eletromotriz, a qual é transformada em calor. **13 Fís** Força que se opõe ao movimento; inércia. [...]

Fonte: Elaboração da autora a partir do Dicionário Aurélio on line (2017)

Esta concepção - mais restrita - tem sido fundante no que tange aos comportamentos de oposição, no entanto segundo Giroux (1986) não se constituem por si só, comportamentos de resistência. Certos comportamentos de oposição podem, por exemplo, caracterizar-se apenas como o não cumprimento de regras e/ou dificuldade de assumir responsabilidades etc.

O autor inclusive cita o exemplo de estudantes que violam as regras da escola e argumenta que este tipo de comportamento "ocorre menos como uma crítica da escolarização do que como uma expressão de hegemonia ideológica":

> [...] alunas de sexta série na Inglaterra, que, afirmando a ideologia oficial da escola, com sua ênfase sexualmente repressiva na ordem, passividade, obediência e "feminilidade". Isso toma a forma de gravar os nomes dos namorados nas carteiras escolares, usar maquiagem demais e roupas justas, gabar-se de suas preferências sexuais por rapazes mais velhos e amadurecidos, e passar grande parte do tempo conversando sobre rapazes e namorados. Ao invés de sugerir resistência, acho que esse tipo de comportamento de oposição demonstra um modo opressivo de sexismo. Seu princípio organizador parece estar ligado a práticas sociais inspiradas pelo objetivo de desenvolver uma relação sexual e eventualmente marital com um rapaz, e, dessa forma, acentua uma lógica que tem pouco a ver com o sexismo que caracteriza a vida da classe trabalhadora e da culta de massa em geral (GIROUX, 1986, p. 152).

Revista Panorâmica On-Line. Barra do Garças – MT, vol. 20, p. 187 - 206, jan./jul. 2016. ISSN - 2238-921-0

Alguns estudos, voltados para o campo da Educação, inclusive mencionam a resistência por parte dos Professores como simples ato de resistir, em seu sentido estrito, de suportar, de permanecer ainda que em condições precárias, baixos salários e pouco reconhecimento.

No entendimento de Giroux (1986, p. 145) a maneira pela qual o conceito é empregado atualmente pelos educadores "sugere uma falta de rigor intelectual e uma dose de descuido teórico".

Neste sentido, o autor argumenta acerca da necessidade de precisar o conceito de resistência, de diferenciar "o que é exatamente resistência e o que não é" (GIROUX, 1986, p. 145), e, sobretudo delinear um quadro teórico consistente que permita especificar como o conceito de resistência poderia ser utilizado à serviço de uma pedagogia crítica.

Para Giroux (1986) o conceito de resistência, contém em si, uma noção dialética da atividade humana tendo em vista que a dominação não é um processo estático. Os oprimidos não são simplesmente passivos diante da dominação. Resistem. "A noção de resistência indica a necessidade de se entender mais completamente as maneiras complexas pelas quais as pessoas medeiam e respondem à intersecção de suas próprias experiências de vida com as estruturas de dominação e coerção" (p. 146). Deve estar relacionada, portanto, à uma noção de emancipação:

> Assim seria central, à análise de qualquer ato de resistência uma preocupação com descobrir o grau em que ela fala de uma forma de recusa que enfatiza, seja implícita, seja explicitamente, a necessidade de se lutar contra o nexus social de dominação e submissão. Em outras palavras, a resistência deve ter uma função reveladora, que contenha uma crítica da dominação e forneça oportunidades teóricas para a auto-reflexão e para a luta no interesse da auto-emancipação e da emancipação social. (GIROUX, 1986, p. 147-148).

O autor argumenta ainda que "[...] deve se insistir para que o conceito de resistência não se torne uma categoria indiscriminadamente pendurada em qualquer expressão de "comportamento de resistência" (Giroux, 1986, p. 149):

> Recentemente ouvi uma educadora "radical" argumentar que os professores que corriam para casa bem cedo, logo que a aula terminava, estavam de fato, cometendo atos de resistência. Obviamente é igualmente discutível que os professores em questão fossem simplesmente preguiçosos ou se importassem pouco com o ensino e nesse caso, o que estava sendo demonstrado não era resistência mas um indesculpável comportamento não-profissional e antiético. [...] Os comportamentos demonstrados não falam por si mesmos:

> chamá-los de resistência é fazer do conceito um termo que não tem precisão analítica (GIROUX, 1986, p. 148-149 – grifo do autor).

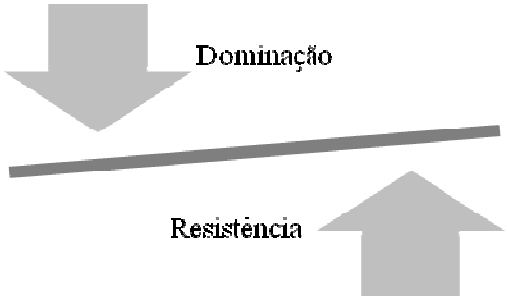
No entendimento de Giroux (1986, p.150) todo comportamento precisa ser analisado tendo em vista as condições históricas que o originaram, e, só podem caracterizar-se como comportamentos de resistência se contiverem em si a possibilidade para aumentar a consciência radical, promover ações criticas coletivas e suscitar "lutas políticas coletivas em torno das questões de poder e determinação social".

Desta forma, "[...] a ênfase está em ir além do imediatismo do comportamento para a noção de interesse que está subjacente a sua lógica frequentemente oculta, uma lógica que também tem que ser interpretada através das mediações históricas e culturais que a moldam." (GIROUX, 1986, p. 150).

O autor também argumenta que o conceito de resistência permite constatar que o poder opera "de forma a ser exercido sobre as pessoas e pelas pessoas, dentro de diferentes contextos que estruturam as relações interagentes de dominância e autonomia." (GIROUX, 1986, p. 146).

De acordo com o autor, o poder nunca é unidimensional, ele é exercido simultaneamente como um modo de dominação, mas também como um ato de resistência:

Figura 1: Teoria da Resistência de Giroux



Fonte: Elaboração da autora a partir do quadro teórico desenvolvido por Giroux (1986).

Gadotti (2003, p. 189) em suas análises considera que Giroux desenvolve uma teorização dialética "[...] dos dualismos entre ação humana e estrutura, conteúdo e experiência, dominação e resistência."

Neste sentido, para Giroux, é justamente por meio da noção de resistência que se vislumbra uma possibilidade de transcendência, de transformação radical. (GIROUX, 1986). A resistência é, desta forma, compreendida como:

> [...] um conjunto de práticas exercidas por grupos subordinados que se expressam sob a forma de oposição, numa tentativa de barrar a dominação, de não perder sua identidade e seus costumes. São os comportamentos contraditórios e ambíguos e as situações conflituosas presentes na realidade social que permitem que tal resistência apareça. A resistência implica em negação, insubmissão, reelaboração, reinvenção, rejeição, podendo ser decorrente de comportamentos conscientes ou inconscientes. (LEITE; ANDRÉ, 1986, p. 45).

Neste contexto de tensionamentos, a escola contém em si um aspecto contraditório:

> [...] ao mesmo tempo que contribui para a inculcação e a divulgação da ideologia dominante, é um espaço onde interagem sujeitos com determinada consciência e determinada intenção. Isto significa que a inculcação das idéias e dos valores dominantes não é um processo tão mecânico como a teoria da reprodução argumenta. (LEITE; ANDRÉ, 1986, p. 40).

Dito de outro modo, a escola é "[...] um local de dominação e reprodução, mas que ao mesmo tempo permite às classes oprimidas um espaço de resistência." (GADOTTI, 2003, p. 169).

Com relação ao comportamento de oposição, Giroux (1986) argumenta que é necessário fazer uma distinção entre comportamento de oposição que constitui resistência e qual não constitui. "O comportamento de oposição precisa ser analisado para se ver se ele constitui uma forma de resistência, o que, [...] significa descobrir seus interesses emancipatórios. Essa é uma questão de precisão teórica e definição." (GIROUX, 1986, p. 149-150).

Tendo em vista que o comportamento de oposição pode ser ou não, uma forma de resistência, Giroux (1986) tece importantes considerações acerca dos mecanismos que dão materialidade para tais práticas questionando concepções limitadoras que restringem atos de resistência à atos rebeldes explícitos e públicos:

> Ao limitar suas análises a esse tipo de comportamento, os teóricos da resistência têm ignorado formas menos óbvias de resistência entre os estudantes e em frequentemente interpretado erroneamente o valor político da resistência demonstrada pelos "rebeldes exibidos". (GIROUX, 1986, p. 152).

Atos (não necessariamente rebeldes) explícitos e públicos são apenas um dos mecanismos da resistência, porém, não o único, nem o mais potente. Afinal se tais atos estiverem descolados de uma perspectiva de transformação radical, de superação da dominação, se constituirão apenas como atos manifestos, porém, não de resistência.

Participar de grandes passeatas e mobilizações, não se configura por si, resistência. Talvez, se caracterize apenas como um comportamento de oposição, ainda que não haja clareza a serviço de que esteja seu comportamento opositor.

Além disso, ainda que atos explícitos e públicos tenham um fundamento lógico, epistemológico e visem promover lutas em torno das questões de poder, saber, identidade e diferença etc., apenas estes atos não são potentes, sozinhos, para mudar a ordem social instituída, é preciso, pois, a articulação de mais práticas constituídas na materialidade do espaço escolar, qual seja, uma pedagogia radical.

De acordo com Giroux (1986, p. 152) a escola é um espaço importante para promover "modos de resistência que são discretamente subversivos no sentido mais imediato, mas politicamente progressistas em potencial, a longo prazo."

O autor argumenta ainda que o valor pedagógico da resistência "está, em parte, no fato dela situar as noções de estrutura e ação humana, e os conceitos de cultura e auto-formação, em uma nova problemática para se entender o processo de escolarização." (GIROUX, 1986, p. 150).

McLaren (2000) em consonância com o ideário explorado por Giroux (1986) desenvolve importante teorização ao defender a tese de que para romper com as estruturas de dominação é preciso questionar a economia, ou seja, para o autor é preciso desenvolver uma crítica relacional ou global, uma política da diferença para "trazer a historia e a materialidade de volta para os discursos teóricos e pedagógicos". (McLAREN, 2000, p. 60).

Em suas considerações, o autor advoga ainda que é preciso desenvolver uma pedagogia perturbadora, e para tal, o professor precisa assumir uma determinada postura pedagógica na qual desenvolva uma metanarrativa que unifique sem dominar:

> Na medida em que o objetivo da pedagogia crítica é o de capacitar seus praticantes a falar com autoridade, enquanto perturbam a naturalização de convenções fixas e de contingências enraizadas, esta prática não deve entretanto, ser desenvolvida de maneira autoritária. (MCLAREN, 2000, p. 50).

Revista Panorâmica On-Line. Barra do Garças – MT, vol. 20, p. 187 - 206, jan./jul. 2016. ISSN - 2238-921-0

McLaren (2000, p. 79) defende que uma pedagogia da resistência pode ajudar educadores e educadoras "a explorarem as maneiras pelas quais alunos e alunas são diferencialmente submetidos às inscrições ideológicas e a multiplicarem discursos de desejo organizados por meio de uma política de significação".

3 A didática radical: a política cultural enquanto um princípio educacional

> "O dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação." (SAVIANI)

De acordo com Haidt (2009, p. 13) a Pedagogia é "o estudo sistemático da educação. É a reflexão sobre as doutrinas e os sistemas de educação. A didática é uma seção ou ramo específico da Pedagogia e se refere aos conteúdos do ensino e aos processos próprios para a construção do conhecimento."

Partindo do pressuposto de que "todo sistema de educação está baseado numa concepção do homem e do mundo" são os fundamentos filosóficos que nos permitem identificar quais são os sentidos e os fins que a Educação assume nos diferentes contextos históricos e sociais. (HAIDT, 2009, p. 13).

> O trabalho docente é uma das modalidades específicas da prática educativa mais ampla que ocorre na sociedade. Para compreendermos a importância do ensino na formação humana, é preciso considerá-lo no conjunto das tarefas educativas exigidas pela vida em sociedade. A ciência que investiga a teoria e prática da educação nos seus vínculos com a prática social global é a Pedagogia. Sendo a Didática uma disciplina que estuda os objetivos, os conteúdos, os meios e as condições do processo de ensino tendo em vista finalidades educacionais, que são sempre sociais, ela se fundamenta na Pedagogia; é, assim, uma disciplina pedagógica. (LIBÂNEO, 1994, p. 15-16).

Sendo a Didática, uma seção ou ramo específico da Pedagogia, a mesma configura-se como um eixo norteador para se apropriar da resistência enquanto princípio educativo, já que é por meio da didática que se define os métodos e técnicas, que se define e se sistematiza o fins e os meios do processo educativo, logo, uma Pedagogia Radical, requer uma Didática Radical.

> Em primeiro lugar, enquanto professores, os radicais devem começar a partir de suas próprias perspectivas sociais e teóricas, em relação a sua visão da

> sociedade, do ensino e da emancipação. Os professores não podem escapar de suas ideologias (e em alguns casos devem abraça-las), e é importante entender o que a sociedade fez de nós, em que é que acreditamos, e como podemos minimizar os efeitos, em nossos alunos, daqueles aspectos de nossas histórias "sedimentadas" que reproduzem interesses e valores dominantes (GADOTTI, 2003, p. 189 – grifos do autor).

No entendimento de Giroux (2005, p. 136) uma Pedagogia Radical:

> [...] não se interessa apenas em oferecer aos estudantes novas formas de pensar criticamente e de agir com autoridade na sala de aula, também trata de preparar professores e alunos com as necessárias competências e conhecimentos que lhes permitam questionar crenças e mitos de raízes profundas que legitimam as mais arcaicas e discriminatórias práticas sociais que, por sua vez, estruturam todos os aspectos da sociedade, e ainda de os responsabilizar para a sua intervenção no mundo. Em outras palavras, a pedagogia crítica forja a crítica e a acção tanto através da linguagem do cepticismo como da possibilidade.

Giroux (1986, p. 150) inspirado[2] em António Gramsci, Raymond Williams e Edward Said defende a possiblidade de politizar a noção de cultura bem como "analisar a cultura da escola dentro do terreno cambiante de luta e contestação". Ainda defende o argumento a apropriação da cultura "enquanto força pedagógica para tornar a política significativa como objeto de crítica e transformação, uma política cultural" (p. 35).

A política cultural compreende a prática pedagógica como o resultado das lutas sociais, ou seja, sobre o modo como os sujeitos devem ser definidos "[...] sobre qual é o papel da pedagogia em mediar as formas de conhecimento [...], ou a maneira como a pedagogia propicia as condições para que estudantes reconheçam formas antidemocráticas de poder" (GIROUX, 2003, p. 30). E explica que "tornar o pedagógico mais político significa inserir a escolarização diretamente na esfera política, argumentando-se que as escolas representam tanto um esforço para definir-se o significado quanto uma luta em torno das relações de poder" (GIROUX, 1997. p. 163).

Uma política cultura de acordo com Giroux (2003) pode ser implementada de modo a ensinar aos estudantes:

[2] Nas últimas décadas, tentei reavivar as visões penetrantes de teóricos como António Gramsci, Raymond Williams, Edward Said e outros que defenderam que a força pedagógica da cultura, no sentido mais amplo, se tem tornado num dos espaços políticos mais importantes na luta por ideias, valores e capacidade de ação (GIROUX, 2005).

> [...] como suspeitar e criticar as formas dominantes de autoridade, dentro e fora das escolas, que sancionam aquilo que conta como teoria, que legitimam o conhecimento, que estabelecem certas posições de sujeito e que fazem determinadas reinvindicações sobre a memória pública. (GIROUX, 2003, p. 30).

Neste contexto, os professores assumem papel fundamental cabendo à estes:

> [...] decifrarem como os modos de produção cultural demonstrados por grupos subordinados podem ser analisados para se revelar seus limites, bem como suas possibilidades para permitir o pensamento crítico, o discurso analítico e novos modos de apropriação intelectual. (GIROUX, 1986, p. 151).

O grande desafio é o reconhecimento do cultural como um espaço de luta política, ou seja, reconhecer a "função pedagógica da cultura de construir identidades, mobilizar desejos e moldar valores morais." (GIROUX, 2003, p. 39).

Faz-se necessário, portanto, mobilizar esforços para se reconhecer a força educacional da cultura (superior e inferior) para compreender as relações de poder, à colocar em prática a "tarefa pedagógica de ensinar as pessoas como desafiar a autoridade, resistir, "desaprender o privilégio" e empregar estrategicamente a teoria e o conhecimento para tornar fundamental a própria mudança social." (GIROUX, 2003, p. 39).

No ideário explorado por Giroux para implementar uma política cultural, os educadores precisam assumir o papel de intelectuais públicos. No entendimento do autor intelectual é "[...] é mais do que uma pessoa das letras, ou um produtor e transmissor de idéias. Os intelectuais são também mediadores, legitimadores, e produtores de idéias e práticas sociais, eles cumprem uma função de natureza eminentemente política" (GIROUX, 1997 p. 186).

Uma Didática Radical, segundo Giroux, é uma didática que crie condições de organização do trabalho pedagógico que forma os estudantes para que:

> [...] desenvolvam a disciplina, a habilidade e a oportunidade para pensarem em termos de oposição, para analisarem criticamente os pressupostos e os interesses que autorizam as próprias questões colocadas dentro da linguagem oficial da escola ou da sala de aula. (GIROUX, 2003, p. 45).

Giroux (2003) explica que uma política cultural pode contribuir para que os estudantes desenvolvam uma perspectiva de esperança tornando-se capaz de compreender que um outro mundo é possível, para reconhecer "que a maneira como as coisas estão não é a

maneira como elas sempre foram ou que devem necessariamente ser no futuro." (GIROUX, 2003, p. 41).

A esperança anunciada por Giroux (2003) é mais antecipatória do que compensatória possibilitando descobrir maneiras de como é possível reagir as formas de opressão e dominação:

> Esperança, nesse contexto, não diz respeito simplesmente a possibilidades perdidas, ou a uma prescrição negativa de resistir, mas a um ideal ético enraizado nas vidas cotidianas de educadores, adultos, estudantes e outros que renegam a maquinaria do autoritarismo empresarial juntamente com outras formas de dominação [...] (GIROUX, 2003 p. 44).

Ou conforme o ideário explorado por Gadotti (2003, p. 190) a pedagogia radical "[...] precisa de uma visão – uma visão que exalte não o que é mas o que poderia ser, que enxergue para além do imediato, em direção ao futuro, e associe a luta com um novo conjunto de possibilidades humanas."

Uma Didática Radical se faz necessária tendo em vista a importância de se desenvolver práticas pedagógicas contra hegemônicas, ou seja:

> [...] aquelas orientações que não apenas não conseguiram se tornar dominantes, mas que buscam intencional e sistematicamente colocar a educação a serviço das forças que lutam para transformar a ordem vigente visando a instaurar uma nova forma de sociedade (SAVIANI, 2006).

É parte constituinte do projeto da Didática radical "desenvolver modos de prática pedagógica em que professores e alunos se tornem agentes críticos que questionem activamente e negociem a relação entre teoria e prática, entre a análise crítica e o senso comum e entre a aprendizagem e a transformação social." (GIROUX, 2005, p. 135).

Gadotti (2003, p. 190) em suas considerações também aponta para o papel fundamental exercido pelos professores e argumenta que "uma pedagogia radical precisa ser inspirada por uma fé apaixonada na necessidade de se lutar para criar um mundo melhor."

Considerações finais

Perspectivas de formação ao defenderem o discurso de uma humanidade comum, neutra, universal produzem e reproduzem desigualdades, as quais são construções históricas e culturais.

Giroux (1986) avança ao constatar o movimento dialético e ao mesmo tempo contraditório da dominação e do poder, e diferentemente das teorias críticas mais pessimistas, o autor vislumbra, portanto, possibilidades reais de promover uma transformação radical.

O pessimismo constatado pelas teorias da reprodução passa a ser substituído por um elemento mais otimista: a resistência.

A resistência tomada como eixo central da prática pedagógica permite o desenvolvimento de uma didática radical em meio a qual educadores e educadoras têm diante de si a possibilidade de formar por meio de práticas educativas contra-hegemônicas que se materializam por meio de uma categoria fundante: a política cultural.

Práticas educativas que permitem aos sujeitos perceber que há espaço para a libertação, as quais se delineiam por meio do comportamento de oposição e da resistência tendo em vista a emancipação.

McLaren (2000) também contribui ao ampliar a forma de desenvolver as análises teóricas e reconhecer que o campo da economia não explica tudo, porém, ao mesmo tempo, a economia enquanto uma categoria de análise, não pode ser deixada de lado, defendendo a necessidade de desenvolver uma análise crítica relacional e global.

O reconhecimento da Educação e da prática pedagógica, por meio da Didática enquanto mecanismo para dar materialidade aos mecanismos de resistência é o primeiro e importante passo a ser dado pelos educadores.

Referências

DICIONÁRIO do Aurélio Online: Dicionário Português. Disponível em:<www.dicionariodoaurelio.com> Acesso em: 12 ago. 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GADOTTI, M. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

GIROUX, H. **Teoria crítica e resistência em educação.** Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

_____. **Os professores como intelectuais.** Porto Alegre: Artmed Editora, 1997.

_____. **Atos Impuros.** A prática política dos estudos culturais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____. Qual o papel da pedagogia crítica nos estudos de língua e de cultura?: Entrevista com Henry A. Giroux. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n., 73, p. 131-143, dez. 2005. Entrevista concedida a Manuela Guilherme. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/rccs/includes/download.php?id=911 Acesso em: 12 ago. 2017.

HAIDT, R. C. C. **Curso de didática geral.** Editora Ática. São Paulo, 2009.

LEITE, S. B.; ANDRÉ, M. E. D. A. A Aprendizagem da subordinação e da resistência no cotidiano escolar. **Perspectiva**; r. CED, Florianópolis. 3(6), 39-52. Jan./Jun. 1986. Disponível em:< https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/8559> Acesso em: 12 ago. 2017.

LIBÂNEO, J. C. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: _____ . **Democratização da Escola Pública**. A pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 2011.

_____. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MCLAREN, P. **Multiculturalismo Crítico.** São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2000.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia.** Campinas-SP: Autores Associados, 1997.

_____. Concepções pedagógicas contra-hegemônicas. Verbete. LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D.; NASCIMENTO, M. I. M. **Navegando pela História da Educação Brasileira.** Campinas, SP: Graf. FE: HISTEDBR, 2006. Disponível em:< www.histedbr.fe.unicamp.br/.../verb_c_concepcoes_pedagogicas_contra_hegemonica.> Acesso em: 12 ago. 2017.